



# RELATÓRIO 2: **Turismo Sustentável, Resiliente e Regenerativo**



Celso Sabino de Oliveira

**Ministro do Turismo**

Kamila Zardini Grafetti

**Chefe do Escritório de Assuntos Internacionais e Coordenadora de Relações Multilaterais**

Micaela Duarte

**Pesquisadora de Assuntos Multilaterais**

João Paulo Lopes Pinto

**Pesquisador de Assuntos Multilaterais**

Rodrigo Cardoso da Silva

**Coordenador do Grupo de Trabalho – Instituto Federal de Brasília**

Ana Cláudia Bernardes Vilarinho de Oliveira

**Gerente de Contrato - Instituto Federal de Brasília**

Alice Watson Queiroz

**Pesquisadora - Instituto Federal de Brasília**

Kerlei Enele Sonaglio

**Pesquisadora - Universidade de Brasília**

Anderson Allan Almeida Galvão

**Pesquisador e Estatístico - Instituto Federal de Brasília**

Isabelly Carvalho

**Designer Gráfico**

Paula Queiroz Dutra

**Tradutora - Instituto Federal de Brasília**

Ana Clara Cajueiro Alves de Araújo

**Tradutora**

Sarah Marroni Minasi

**Tradutora e Revisora técnica - Universidade Federal de Pelotas**

T938 Turismo sustentável, resiliente e regenerativo [recurso eletrônico] / Ministério do Turismo, Instituto Federal de Brasília ; coordenação de Rodrigo Cardoso da Silva ... [et al.]. – Brasília : MTur : IFB, 2025. 50 p. : il., color. ; PDF. – (Relatório ; 2)

ISBN 978-65-01-90864-9

1. Turismo sustentável. 2. Turismo regenerativo. 3. BRICS (Organização internacional). I. Silva, Rodrigo Cardoso (Coord.). II. Brasil. Ministério do Turismo. III. Instituto Federal de Brasília. IV. Série.

CDU: 338.48

# LISTA DE FIGURAS E TABELAS

<b>Figura 1.</b> Estrutura metodológica.....	12
<b>Tabela 1.</b> Documentos oficiais e websites recomendados pelos países respondentes ou consultados para os países não respondentes.....	12
<b>Figura 2.</b> Pilares do turismo sustentável.....	19
<b>Tabela 2.</b> Arcabouço para avaliação da capacidade turística.....	20
<b>Figura 3.</b> Turismo e os ODS.....	21
<b>Figura 4.</b> Categorias do prêmio – WTM Latin America Responsible Tourism Awards 2025.....	22
<b>Figura 5.</b> Linha do tempo dos estudos sobre resiliência.....	23
<b>Figura 6.</b> Evolução das ideias centrais sobre resiliência.....	24
<b>Figura 7.</b> Questões estratégicas-chave no arcabouço de turismo resiliente e regenerativo.....	26
<b>Figura 8.</b> Ações para Enfrentar Desafios e Minimizar Perdas.....	29
<b>Figura 9.</b> Medidas para a resiliência turística.....	30
<b>Figura 10.</b> Engajamento e Fortalecimento do Turismo em Comunidades.....	35
<b>Figura 11.</b> ODS incluídos nas Políticas de Turismo.....	36
<b>Figura 12.</b> Sistemas de Alerta e Monitoramento de Crises para Resiliência do Turismo nos países membros do BRICS.....	38

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
2.1. Objetivo geral.....	10
2.2. Objetivos específicos.....	10
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>4. ABORDAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL.....</b>	<b>14</b>
4.1 Turismo sustentável.....	17
4.2 Turismo Resiliente e Regenerativo.....	22
<b>5. ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>30</b>
5.1 Sustentabilidade no Turismo: Político, Ambiental e Sociocultural.....	31
5.2 Prioridades Nacionais no Turismo Sustentável.....	32
5.3 Diversificação de Mercado e Produtos Pós-COVID-19.....	33
5.4. Envolvimento das Comunidades Locais.....	34
5.5 ODS Abordados nas Políticas Turísticas.....	36
5.6 Eventos que Impactam o Turismo, Legislação, Sistemas de Alerta e Monitoramento.....	37
5.7 Colaboração Público-Privada e Compartilhamento de Soluções Inovadoras.....	39
5.8. Boas Práticas em Turismo Sustentável, Resiliente e Regenerativo: Contribuições de Países Não Respondentes.....	40
<b>6. RECOMENDAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>45</b>

# RESUMO EXECUTIVO

Este relatório é uma iniciativa voltada à promoção do turismo sustentável entre os países do BRICS: Brasil, China, Egito, Etiópia, Índia, Indonésia, Irã, Rússia, Arábia Saudita, África do Sul e Emirados Árabes Unidos (EAU). O objetivo é analisar e sistematizar as políticas, iniciativas e estratégias adotadas pelos países do BRICS para promover um turismo sustentável, resiliente e regenerativo, identificando boas práticas, desafios e oportunidades para fortalecer o setor como vetor de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

A análise dos marcos legais, planos estratégicos e documentos oficiais relacionados ao turismo sustentável nos países do BRICS revela pontos em comum e lacunas, formando a base para as recomendações estratégicas. O relatório também apresenta uma estrutura conceitual compartilhada sobre turismo sustentável, resiliente e regenerativo entre os países do BRICS, juntamente com uma visão geral da evolução desses conceitos e dos principais marcos internacionais relacionados ao tema. Os resultados ressaltam a necessidade de reavaliar o turismo como catalisador do desenvolvimento regenerativo e resiliente, promovendo práticas inclusivas, sustentáveis e culturalmente integradas.

## Principais Contribuições:

- **Análise Aprofundada:** Os marcos legais e as políticas públicas de cada país foram analisados em sete dimensões: Sustentabilidade no Turismo; Diversificação de Mercado e Produtos pós-COVID-19; Engajamento Comunitário; ODS contemplados nas Políticas de Turismo; Crises que Afetam o Turismo (incluindo legislação, sistemas de alerta e monitoramento de crises); Colaboração Público-Privada; e Troca de Soluções Inovadoras.
- **Marco Conceitual Comum:** Com base nos documentos mapeados e na literatura especializada, foi formulada uma estrutura conceitual integradora para orientar a implementação do turismo sustentável, resiliente e regenerativo.
- **Taxonomia de Ações:** Foi proposta uma taxonomia para categorizar políticas, práticas e indicadores de turismo sustentável entre os países do BRICS.

- **Identificação de Convergências e Boas Práticas:** Há uma crescente convergência no reconhecimento do turismo sustentável dentro dos marcos estratégicos dos membros do BRICS. A análise destaca boas práticas implementadas nos Estados-membros, oferecendo uma base para o aprendizado e alinhamento de políticas entre os países.

## Recomendações

- **Fortalecer a Capacidade Institucional para a Resiliência:** Investimentos em capacitação de estruturas governamentais, setor privado, academia e sociedade civil, promovendo a cooperação intergovernamental e público-privada para identificar riscos e vulnerabilidades, de modo a reforçar a resiliência do turismo.
- **Organizar a Resiliência em Destinos Turísticos:** Estabelecer sistemas de governança e gestão capazes de coordenar respostas eficazes a eventos climáticos, sociais e econômicos, incluindo mecanismos atualizados de monitoramento de dados e de alerta.
- **Planejamento Turístico com Foco em Resiliência:** Promover o desenvolvimento turístico que considere as sensibilidades ambientais e sociais, especialmente em áreas com comunidades ou ecossistemas vulneráveis, por meio do incentivo a uma infraestrutura segura, inclusiva e sustentável que valorize tanto a experiência do visitante quanto o bem-estar local.
- **Proteger e Reforçar a Infraestrutura Turística Crítica:** Desenvolver estratégias para manter, adaptar e modernizar a infraestrutura turística, antecipando cenários de risco e desenhando mecanismos de mitigação e resposta.
- **Reforçar a Resiliência Financeira dos Destinos Turísticos:** Criar mecanismos de financiamento e seguros para ajudar áreas afetadas por desastres a se recuperarem e apoiar micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) e comunidades locais.
- **Ampliar a Capacidade de Resposta Social:** Estimular redes de apoio comunitário, políticas públicas inclusivas e canais de comunicação eficazes para garantir a segurança dos turistas durante emergências.

- **Apoiar a Segurança e Prontidão no Turismo:** Estimular a colaboração multissetorial para adotar medidas claras de resposta a situações climáticas, apoiando o treinamento de equipes, o engajamento local e mecanismos de coordenação para proteger tanto os visitantes quanto os atrativos naturais em áreas sensíveis.
- **Acelerar a Regeneração do Sistema Turístico:** Planejar estratégias pós-desastre que incluam a recuperação ambiental, a requalificação de atrativos e o desenvolvimento de produtos turísticos regenerativos, agregando valor sociocultural e ecológico.
- **Promover Transições Justas no Planejamento Turístico:** Nos planos de adaptação climática, priorizar pequenas cidades e populações em situação de vulnerabilidade, garantindo sua representação nos processos decisórios e promovendo estratégias equitativas.
- **Criar uma Plataforma de Monitoramento e Boas Práticas:** Desenvolver uma plataforma colaborativa entre os países do BRICS para compartilhar dados, indicadores e experiências em turismo sustentável, resiliente e regenerativo, alinhadas à Agenda 2030 da ONU.

# 1. INTRODUÇÃO

Responsável por 6,5% das emissões globais de gases de efeito estufa (GEE) e por 9,1% do PIB mundial em 2023 (WTTC, 2024), o setor de turismo enfrenta desafios significativos decorrentes das mudanças climáticas e das transformações socioeconômicas. Embora as emissões de GEE ainda estejam abaixo do pico pré-pandemia de 7,9% registrado em 2019, as projeções indicam um aumento potencial de 25% nas emissões do setor até 2030.

As mudanças climáticas impactam diretamente a infraestrutura, o patrimônio histórico, as paisagens e a biodiversidade dos destinos turísticos, uma vez que esses elementos estão cada vez mais sujeitos a eventos climáticos extremos, frequentes e intensos. Também afetam práticas culturais e agravam a vulnerabilidade socioeconômica de comunidades tradicionais e cidades altamente dependentes do turismo ([PLANO CLIMA, 2024](#)). Por exemplo, o turismo costeiro tende a ser cada vez mais afetado pela elevação do nível do mar — as projeções indicam um aumento global de 16,9 centímetros até 2050 — além do aumento de inundações, erosões e tempestades (IPCC, 2022).

O aquecimento global afeta desproporcionalmente as comunidades que atuam na indústria do turismo em termos sociais. Atores locais, particularmente aqueles dos setores informais, como pequenos empreendedores, povos indígenas e trabalhadores comunitários, que frequentemente dependem exclusivamente do turismo, são os mais vulneráveis aos riscos climáticos. Diante dos impactos negativos das mudanças climáticas, é essencial que as políticas públicas sejam desenhadas para proteger e promover transições justas, sem deixar ninguém para trás.

[Estudos](#) demonstram que as mudanças climáticas influenciam as escolhas

de destino dos viajantes, o que significa que áreas mais suscetíveis a eventos climáticos extremos podem sofrer perdas significativas de receita turística. Por isso, [é urgente implementar práticas sustentáveis em toda a cadeia de valor do turismo](#). Isso inclui a gestão responsável de destinos, o controle do fluxo de visitantes em áreas sensíveis e a diversificação da oferta turística.

Medidas como a incorporação da permacultura em instalações turísticas (BID, 2013), a implementação de sistemas de alerta precoce para desastres, o uso eficiente de recursos naturais e a adoção de tecnologias de baixo carbono são fundamentais. Ao desenvolver políticas públicas para adaptação climática, considerar o contexto específico de cada destino pode ajudar a criar soluções mais eficazes e adequadas localmente.

Embora as mudanças climáticas representem um desafio significativo para o setor de turismo, não são o único. A pandemia de COVID-19, por exemplo, causou uma interrupção sem precedentes, resultando em uma paralisação global das atividades turísticas em 2020. Como consequência, o setor regrediu a níveis observados três décadas antes, com [uma queda de 72% nas chegadas internacionais](#) e uma redução pela metade do PIB direto do turismo.

Crises sistêmicas tendem a gerar impactos prolongados e profundos nos destinos e organizações turísticas. Segundo Ritchie (2009), tais eventos requerem atenção estratégica, pois podem comprometer a resiliência e a sustentabilidade do setor a longo prazo.

Nesse contexto, torna-se essencial adotar políticas e estratégias que promovam o turismo sustentável, resiliente e regenerativo, assegurando sua viabilidade a longo prazo e seu impacto positivo sobre comunidades locais e tradicionais. O turismo regenerativo se concentra em deixar os destinos em melhores condições do que foram encontrados, por meio da restauração ativa dos ecossistemas e do fortalecimento das comunidades

locais. Já o turismo resiliente representa um caminho estratégico para alcançar a sustentabilidade no mundo contemporâneo (Sonaglio, 2018), priorizando a capacidade adaptativa dos destinos e promovendo transformações positivas diante de eventos e desafios.

Este relatório explora os conceitos de turismo regenerativo, resiliente e sustentável, com o objetivo de identificar e recomendar mecanismos eficazes de alerta e monitoramento de eventos. Ele oferece uma visão abrangente das estratégias adotadas, dos desafios enfrentados e das oportunidades que podem ser aproveitadas para fortalecer a sustentabilidade do setor. Essa abordagem propõe recomendações práticas para apoiar a regeneração ambiental, a inclusão socioeconômica e a resiliência do turismo nos países do BRICS.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

Analisar e sistematizar as políticas, iniciativas e estratégias adotadas pelos países do BRICS para promover o turismo sustentável, resiliente e regenerativo, identificando boas práticas, desafios e oportunidades para fortalecer o setor como vetor de desenvolvimento econômico, social e ambiental.

### **2.2. Objetivos específicos**

- Investigar as políticas e estratégias de turismo sustentável e resiliente nos países do BRICS, com foco na regeneração ambiental, valorização cultural e desenvolvimento regional, especialmente no fortalecimento do turismo em comunidades locais.
- Identificar e compreender os mecanismos de resiliência e resposta a crises adotados pelos países do BRICS, por meio da

análise de medidas implementadas, incluindo sistemas de monitoramento de riscos e ameaças, diversificação de mercado e fortalecimento da governança para minimizar os impactos relacionados ao turismo.

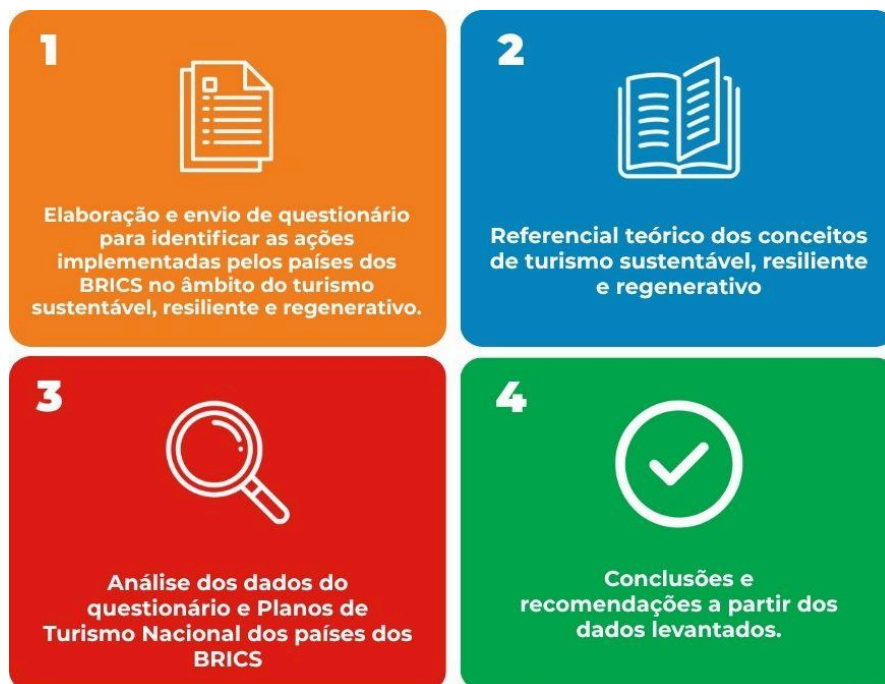
- Identificar boas práticas e oportunidades de cooperação, promover o intercâmbio de conhecimento e oferecer recomendações estratégicas para aprimorar a sustentabilidade, resiliência, regeneração e inovação no setor turístico.

### **3. METODOLOGIA**

A primeira etapa da pesquisa consistiu na elaboração e distribuição de um questionário para coletar informações detalhadas sobre políticas, práticas e iniciativas relacionadas ao turismo sustentável. Os dados coletados possibilitaram uma análise comparativa e a identificação de boas práticas e desafios enfrentados pelos países membros. As respostas foram recebidas de sete países: Brasil, China, Etiópia, Rússia, Índia, África do Sul e Emirados Árabes Unidos.

Foi realizada uma revisão da literatura para conceituar o turismo resiliente, regenerativo e responsável. Foram consultados documentos de referência de organismos internacionais, livros acadêmicos e artigos científicos revisados por pares, o que contribuiu para uma análise mais aprofundada das iniciativas de turismo sustentável. Além disso, foram utilizados dados provenientes de publicações oficiais de autoridades nacionais de turismo.

**Figura 1. Estrutura metodológica**



**Fonte: Dados da pesquisa (2025).**

A tabela a seguir lista os documentos oficiais revisados neste estudo, organizados por país membro do BRICS.

**Tabela 1.** Documentos oficiais e websites recomendados pelos países respondentes ou consultados para os países não respondentes

<b>País</b>	<b>Fonte</b>	<b>Documento (Título)</b>	<b>Link</b>
<b>Brasil</b>	Ministério do Meio Ambiente	Plano Clima-2025	<a href="https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/smc/plano-clima">https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/smc/plano-clima</a>
<b>China</b>	Ministério da Cultura e Turismo	China's Implementation Rules for the Scoring of the National Ecotourism Demonstration Zone Construction and Operational Standards China breaks records with the most UNWTO tourist villages in the world	<a href="https://www.mee.gov.cn/gkml/hbb/gwy/201301/W020130105609398301767.pdf">https://www.mee.gov.cn/gkml/hbb/gwy/201301/W020130105609398301767.pdf</a> <a href="https://www.chinadaily.com.cn/a/202411/15/WS673726e9a310f1265a1cdac6.html">https://www.chinadaily.com.cn/a/202411/15/WS673726e9a310f1265a1cdac6.html</a>

<b>Egito</b>	Ministério do Turismo e das Antiguidades	National Strategy for Sustainable Tourism 2030	<a href="https://beta.sis.gov.eg/en/media-center/strategies/national-strategy-for-sustainable-tourism-2030/">https://beta.sis.gov.eg/en/media-center/strategies/national-strategy-for-sustainable-tourism-2030/</a>
<b>Etiópia</b>	Ministério do Turismo	Sustainable Tourism Master Plan (2015–2025)	<a href="https://repository.uneca.org/handle/10855/23486">https://repository.uneca.org/handle/10855/23486</a>
<b>Índia</b>	Ministério do Turismo; Portal Nacional da Índia; Ministério da Aviação Civil	NITI AAYOG – Apex public policy think tank of the Government of India; Swadesh Darshan 2.0 Scheme Guideline: Developing Sustainable and Responsible Destinations; Adoption of Digital Technology and Artificial Intelligence for a seamless and meaningful tourist experience.	<a href="https://www.niti.gov.in">https://www.niti.gov.in</a> <a href="http://www.tourism.gov.in">www.tourism.gov.in</a> <a href="http://www.civilaviation.gov.in">www.civilaviation.gov.in</a>
<b>Indonésia</b>	Ministério do Turismo e Economia Criativa	Wonderful Indonesia Ecotourism Initiative	<a href="https://kemenpar.go.id/en">https://kemenpar.go.id/en</a>
<b>Irã</b>	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável	Measures to Promote Sustainable Ecotourism in the I.R. of Iran	<a href="https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/4523bamaki.pdf">https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/4523bamaki.pdf</a>
<b>Rússia</b>	Ministério do Desenvolvimento Econômico	Tourism Development Strategy of the Government of the Russian Federation (até 2035)	<a href="https://en.economy.gov.ru/material/file/fb8a4b084460e064e787d6f199dba82e/strategiya_razvitiya_turizma.pdf">https://en.economy.gov.ru/material/file/fb8a4b084460e064e787d6f199dba82e/strategiya_razvitiya_turizma.pdf</a>
<b>Arábia Saudita</b>	Ministério do Turismo	Tourism training, mentorship, and development	<a href="https://www.mt.gov.sa/">https://www.mt.gov.sa/</a>

<b>África do Sul</b>	Departamento de Turismo	Women in Tourism Programme (WiT); Tourism Incentive Programme (TIP)	<a href="https://www.tourism.gov.za/CurrentProjects/Pages/Women_In_Tourism.aspx">https://www.tourism.gov.za/CurrentProjects/Pages/Women_In_Tourism.aspx</a> <a href="https://www.tourism.gov.za/CurrentProjects/TIP/Pages/Tourism_Incentive_Programme.aspx">https://www.tourism.gov.za/CurrentProjects/TIP/Pages/Tourism_Incentive_Programme.aspx</a>
<b>Emirados Árabes Unidos</b>	Mudanças Climáticas da ONU	COP28 Agreement Signals “Beginning of the End” of the Fossil Fuel Era	<a href="https://unfccc.int/news/cop28-agreement-signals-beginning-of-the-end-of-the-fossil-fuel-era">https://unfccc.int/news/cop28-agreement-signals-beginning-of-the-end-of-the-fossil-fuel-era</a>

**Fonte: Dados da pesquisa (2025).**

## 4. ABORDAGEM TEÓRICO-CONCEITUAL

A trajetória envolvendo as concepções do termo “sustentabilidade” abarca a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) em 1972, a Declaração de Cocoyoc em 1974 (Bursztyn et al., 1993), a elaboração do Relatório Brundtland – Nosso Futuro Comum em 1987 (Biblioteca Digital das Nações Unidas, 2025) e a contribuição da Conferência das Nações Unidas – UNCED, também conhecida como Cúpula da Terra de 1992 (Eco-92). Esses marcos contribuíram para aumentar a conscientização global sobre a necessidade de repensar os modelos de desenvolvimento à luz das limitações sociais e ambientais.

Neste início do século XXI, o paradigma da sustentabilidade adotado por governos em diversos países está incorporado na Agenda 2030 da ONU, um instrumento que integra 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS representam um chamado global à ação para erradicar a pobreza, proteger o meio ambiente e garantir que as pessoas em todo o mundo possam desfrutar de um futuro de paz e prosperidade (ONU, 2025).

O turismo, como atividade transversal, tem sido progressivamente integrado a esse arcabouço, reconhecendo seu papel potencial no desenvolvimento sustentável. Conforme articulado na Agenda 2030 da ONU, os ODS defendem práticas de turismo sustentável e responsável que protejam os destinos turísticos. A sustentabilidade é a base paradigmática que deve guiar o desenvolvimento e as ações estratégicas para o planejamento e gestão do turismo, sendo a estrutura fundamental de qualquer forma ou segmento turístico.

Os conceitos de resiliência e turismo regenerativo emergem nos debates sobre turismo, pois buscam estabelecer práticas cujas ações se mostram eficazes para alcançar a sustentabilidade do turismo. Taboada, Legal e Machado (2006) afirmam que as transformações ocorridas na modernidade e contemporaneidade aceleraram certos processos na sociedade, provocando altos níveis de estresse social e ambiental. Como resultado, a necessidade de superar adversidades extremas desafiou a ciência e elucidou um novo constructo em desenvolvimento: a resiliência.

O conceito de resiliência abarca várias compreensões ou constructos que integram as abordagens de seus estudos e práticas, como sua associação às ideias de “resistência”, “enfrentamento”, “adaptação”, “superação” e “recuperação”. No turismo, há uma necessidade urgente de desenvolver estudos e promover boas práticas sobre a capacidade de resiliência de comunidades, turistas, organizações e ecossistemas naturais para enfrentar, resistir, adaptar-se, superar e, finalmente, recuperar-se de eventos adversos.

A resiliência pode ser entendida como a capacidade de resistir a desafios, adaptar-se a mudanças, superar adversidades e recuperar-se eficazmente. No contexto do turismo, é essencial estudar e implementar práticas que possibilitem respostas efetivas a situações complexas e multifacetadas.

Resiliência refere-se à habilidade de indivíduos, comunidades, instituições empresariais e ecossistemas de responder à pressão, adaptar-se dinamicamente e restaurar sua funcionalidade após rupturas súbitas ou complexas. No cenário global atual, caracterizado por desafios e vulnerabilidades potenciais, a resiliência no turismo destaca-se como uma estratégia chave para o planejamento e gestão eficazes. Ela possibilita a antecipação de possíveis problemas e a implementação de respostas estruturadas voltadas à minimização de impactos, ao fomento da recuperação, renovação e à sustentabilidade de longo prazo do sistema turístico (Almeida e Sonaglio, 2024).

Qualificar um sistema turístico como “resiliente” significa resistir, superar, adaptar-se e reconstruir para preservar, conservar, restaurar e recuperar suas estruturas e funções essenciais diante de situações adversas. O turismo é altamente sensível a mudanças sociais e estruturais. Os destinos turísticos podem desejar desenvolver medidas abrangentes de antecipação, reação e recuperação para enfrentar desafios associados tanto a pressões externas quanto internas, alcançando, assim, uma resiliência positiva. Essas ações são críticas para construir resiliência e assegurar a sustentabilidade a longo prazo nos destinos turísticos.

Desde o início do século XXI, o termo “regenerativo” tem sido compreendido como um esforço para reequilibrar o clima da Terra, a estabilidade da vida e a biodiversidade. No turismo, a abordagem regenerativa ganhou destaque nos últimos anos, principalmente devido às implicações do crescimento insustentável dos fluxos turísticos globais e, mais recentemente, aos efeitos da COVID-19 na sustentabilidade do setor (Fusté-Forné & Hussain, 2022).

A abordagem regenerativa ao turismo pode ser apresentada como o reconhecimento, a internalização e a atuação sobre desafios globais, caracterizados pelo impacto direto e intensivo do comportamento e das atividades humanas em fenômenos geológicos, climáticos e biosféricos

(Zalasiewicz, Williams & Ellis, 2011). Assim, ela permite o enquadramento e a visualização do futuro do turismo como um fenômeno em termos de desenvolvimento guiado pelo equilíbrio entre perspectivas locais e globais por meio de processos regenerativos (Tomassini & Cavagnaro, 2022), decorrentes das respostas resilientes do turismo aos choques que impactaram seu sistema (Almeida & Sonaglio, 2024).

Portanto, na busca pelo turismo sustentável, os países são incentivados a adotar estratégias antecipatórias, reativas e de recuperação a partir de uma perspectiva de resiliência para manter o equilíbrio do sistema por meio de uma abordagem regenerativa do turismo.

## **4.1 Turismo sustentável**

O campo dos estudos em turismo adotou o paradigma da sustentabilidade, especialmente após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), também conhecida como ECO-92, RIO-92 ou Cúpula da Terra. Nesse evento global, conforme citado pelo Ministério do Meio Ambiente do Brasil (MMA, 2025), os 179 países participantes concordaram e assinaram a Agenda 21, estabelecida como um instrumento de planejamento para a construção de sociedades sustentáveis em várias escalas geográficas, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

A ECO-92 consolidou os princípios apresentados no Relatório Brundtland de 1987 – Nosso Futuro Comum – relativos aos ideais de sustentabilidade, reafirmados na Conferência Rio+10 realizada em Joanesburgo, África do Sul, em 2002 (BRASIL, 2007), como um modelo de crescimento e desenvolvimento que deve buscar o equilíbrio entre progresso econômico, conservação ambiental e bem-estar social. Consequentemente, as dimensões ambiental, social, econômica, cultural e político-institucional da sustentabilidade começaram a fundamentar as estratégias governamentais para o planejamento e gestão do turismo em diversos

países, como alternativa ao turismo convencional de massa e seus efeitos adversos sobre os territórios e sociedades anfitriãs.

Os princípios e dimensões da sustentabilidade associados ao turismo passaram a configurar um cenário que exige o turismo sustentável. Como ressalta Sharpley (2020), esse modelo de turismo pressiona governos, organizações e a sociedade em geral a promover mudanças e adaptações nos processos de produção e consumo. A sustentabilidade no turismo tem sido (e continua a ser) amplamente incorporada ao discurso, às intenções e às diretrizes de governos, organizações internacionais e entidades públicas e privadas, tornando-se a orientação dominante entre os atores da cadeia de valor do turismo.

No que tange às mudanças climáticas e suas implicações para o turismo, diversas organizações, governos e movimentos sociais assumem posições distintas sobre questões ambientais e climáticas. Essas posições refletem um espectro de engajamento, que vai desde uma priorização limitada até crescentes esforços globais e locais para desenvolver respostas coordenadas aos impactos ambientais e fortalecer a preparação para eventos relacionados em várias regiões do mundo.

Um exemplo de iniciativa para promover medidas contra a crise climática é a Declaração de Glasgow sobre Ação Climática no Turismo de 2021, por meio da qual seus signatários assumiram compromissos voluntários de descarbonização do setor turístico. Essa declaração, lançada na COP 26, foi integrada ao Portal de Ação Climática Global da UNFCCC durante a COP 28, sediada pelos Emirados Árabes Unidos.

Nesse sentido, na busca pelo turismo sustentável em tempos de mudanças climáticas, surgiram modelos, diretrizes e arcabouços globais para posicionar as ações turísticas diante da intensificação dos problemas nos sistemas socioeconômicos, ecológicos e turísticos locais, regionais e globais.

Portanto, para cumprir a Agenda 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável e os ODS, em 2013 a OMT (Organização Mundial do Turismo), agência especializada da ONU, apresentou os cinco pilares do turismo sustentável (5 Ps).

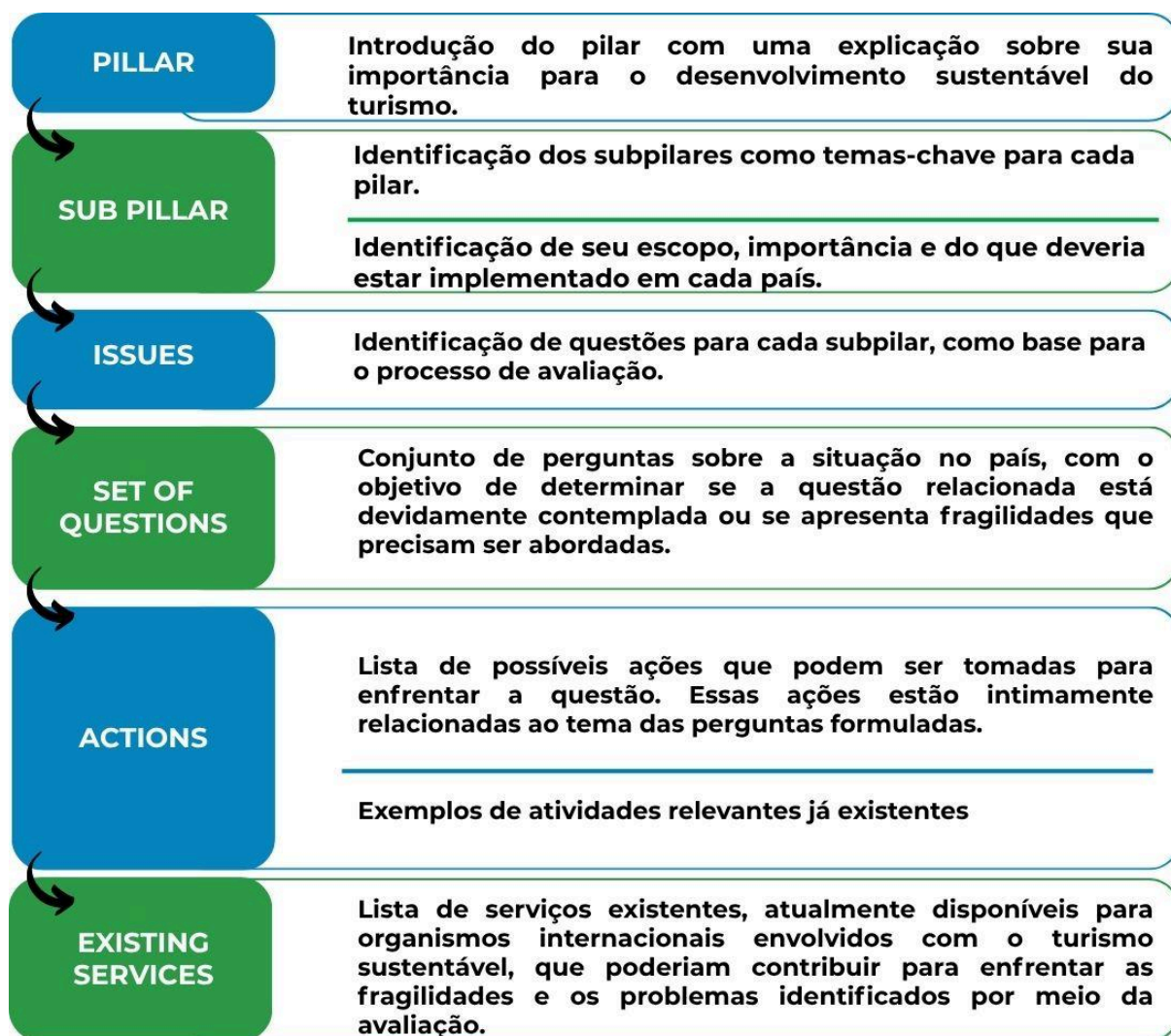
**Figura 2. Pilares do turismo sustentável**



Fonte: Adaptado de UN Tourism (2013, 2019).

Sob essa perspectiva, formulou-se um arcabouço para avaliação da capacidade turística.

**Tabela 2. Arcabouço para avaliação da capacidade turística**



**Fonte: Adaptado de UN Tourism (2013).**

O turismo sustentável fundamenta-se em princípios centrais de sustentabilidade e na Agenda 2030 da ONU para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), servindo como quadro orientador para o turismo internacional. A relação entre turismo e os ODS é ilustrada na Figura 3.

**Figura 3. Turismo e os ODS**



**Fonte:** [Tourism for SDGs](#) (2019).

Identificar caminhos práticos para fortalecer a resiliência do turismo tornou-se essencial no contexto global atual. Portanto, abordagens turísticas adaptativas e orientadas à sustentabilidade são alternativas necessárias por meio de suas melhores práticas. Essas melhores práticas podem ser exemplificadas pela quinta edição do WTM Latin America Responsible Tourism Awards 2025 (WTM, 2025), que visa promover avanços e viabilizar a replicação de casos positivos em turismo sustentável e responsável.

**Figura 4. Categorias do prêmio – WTM Latin America Responsible Tourism Awards 2025**



**Fonte:** Adaptado de WTM (2025).

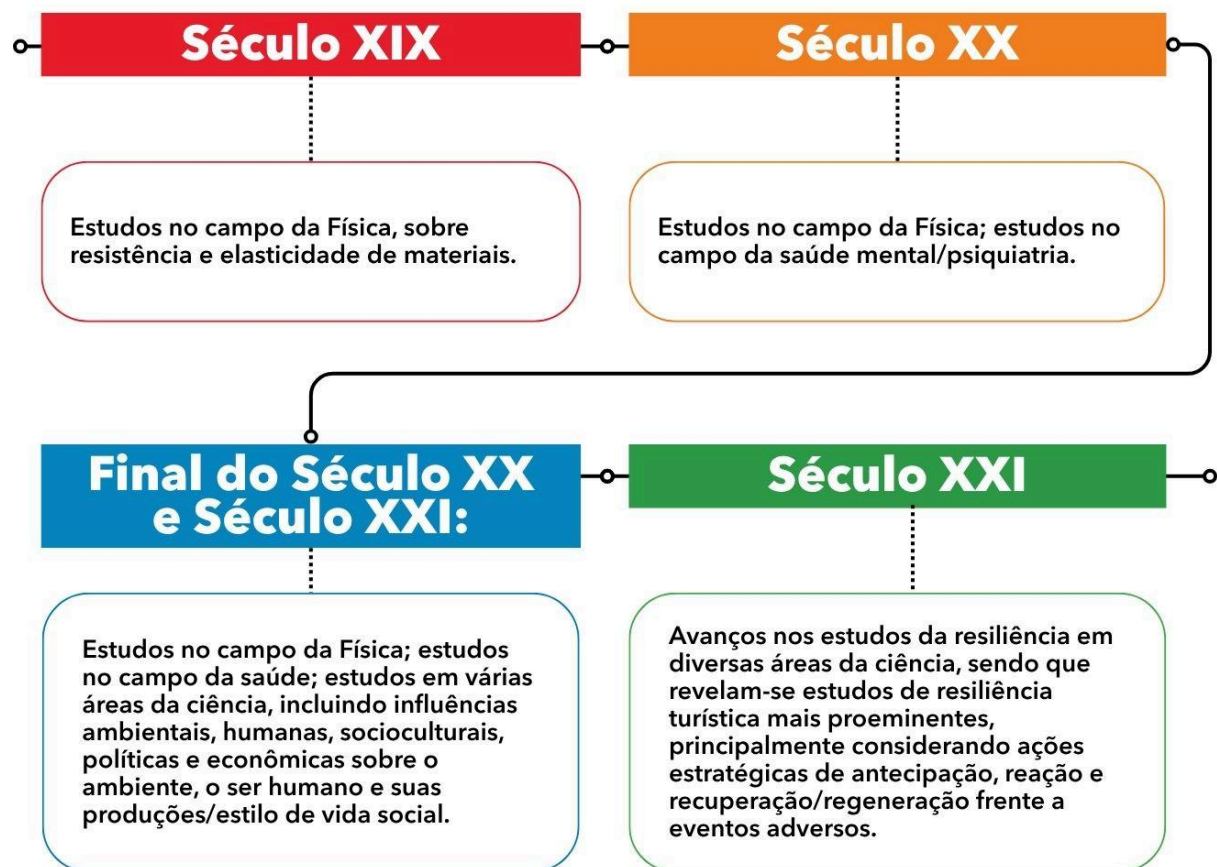
## 4.2 Turismo Resiliente e Regenerativo

No início do século XIX, o conceito de resiliência originou-se na física, descrevendo a capacidade de um material de suportar tensões sem deformação permanente. As investigações científicas da época focavam principalmente em quantificar a “resistência” de diversos materiais.

Já na metade do século XX, os estudos sobre resiliência se expandiram para as ciências da saúde, especialmente por meio de pesquisas com filhos de pais esquizofrênicos. Essas investigações analisaram como indivíduos superavam adversidades sob estresse (Miguel, 2012), redefinindo a resiliência como uma capacidade psicológica de adaptação.

Após esses trabalhos fundamentais na física e na psiquiatria, a resiliência tornou-se foco de pesquisa interdisciplinar. No século XXI, o conceito evoluiu para abarcar sistemas complexos, integrando fatores ambientais, humanos, socioculturais, políticos e econômicos. Esse arcabouço dinâmico impulsiona o desenvolvimento de estratégias proativas para antecipar rupturas, responder de forma eficaz e fomentar a recuperação ou regeneração.

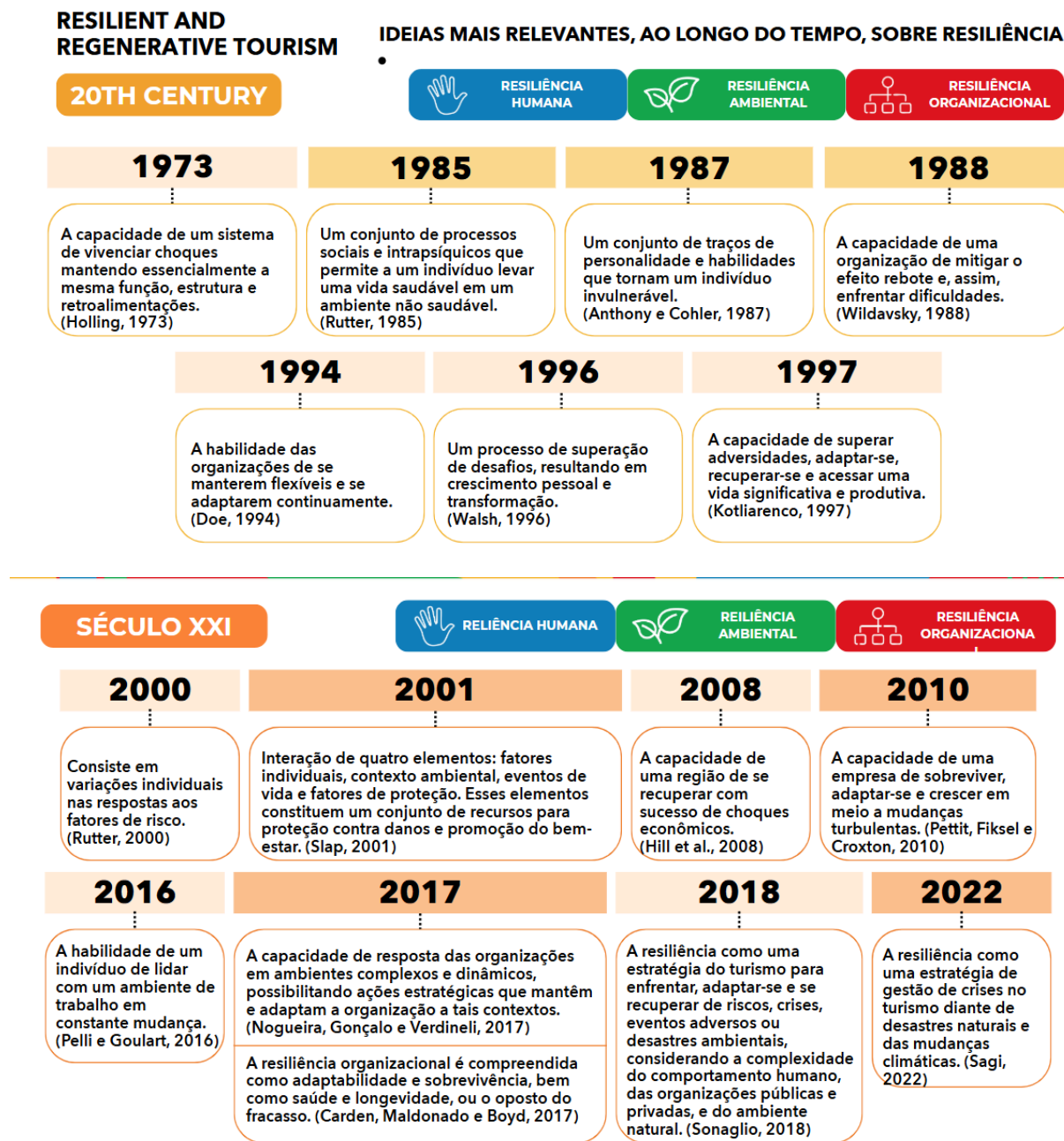
Figura 5. Linha do tempo dos estudos sobre resiliência



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Compreender o escopo da resiliência é crucial para definir estratégias eficazes de planejamento e gestão dos sistemas turísticos e responder de modo eficiente a possíveis eventos adversos. Considerando a complexidade do turismo, a resiliência turística abrange diversos constructos e abordagens que se intersectam com conceitos e práticas envolvendo a resiliência humana, organizacional e ambiental.

Figura 6. Evolução das ideias centrais sobre resiliência



**Fonte:** Adaptado e atualizado de Raasch, Silveira-Martins e Gomes (2017).

Em suma, o conceito de resiliência vem sendo explorado em estudos científicos desde o século XIX. Entretanto, sua incorporação em discussões interdisciplinares no campo do turismo ocorreu apenas no século XX, principalmente enfocando questões sociais e a capacidade de superar desafios. No século XXI, a resiliência no turismo emergiu como um tema

central de debate, abrangendo dimensões ambientais, humanas e organizacionais.

A ONU Turismo está envolvida em ações de preparação e gestão de adversidades no setor desde os anos 2000 (Sagi, 2022). Destacam-se as seguintes publicações:

- Estudos de caso e recomendações para enfrentar grandes mudanças globais desde os anos 2000, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), Mudanças Climáticas, Crises Econômicas e Gestão Sustentável de Destinos.
- Rede de resposta emergencial em turismo em 2006: criada em resposta à possível evolução do surto de gripe aviária de 2005 e aos efeitos do tsunami no Oceano Índico em 2004, monitorava eventos e estabelecia procedimentos.
- Comitê de Resiliência em Turismo instituído em 2008 como resposta direta à crise econômica global de 2008, com foco no monitoramento do desempenho do setor, disseminação de informações, troca de experiências e elaboração do Roteiro para a Recuperação, atuando até 2010.
- Resposta à COVID-19 em 2020: produção de informações e análises sobre o desempenho do setor e tendências, campanhas e medidas de apoio aos países, recuperação e gestão de destinos.

Para Sonaglio (2018), a resiliência é um caminho seguro para alcançar a sustentabilidade nos tempos contemporâneos. Assim, em consonância com princípios de sustentabilidade baseados na equidade, a resiliência representa uma característica crítica dos sistemas (Blandtt, 2009; Lemos, 2014), especialmente para o planejamento e a gestão do turismo diante de impactos disruptivos.

**Figura 7. Questões estratégicas-chave no arcabouço de turismo resiliente e regenerativo**



**Fonte:** Adaptado de Sonaglio (2018).

Embora tenha sido inicialmente desenvolvido para a redução mais ampla do risco de desastres, por meio de iniciativas como o manual de 2012 da UNISDR para governos locais, o conceito de resiliência evoluiu desde então para contemplar aplicações setoriais específicas. O Marco de Sendai (2015) fornece uma base estratégica que os atores do turismo nos países do BRICS podem adaptar para desenvolver estratégias de resiliência personalizadas, especialmente para vulnerabilidades como a infraestrutura do turismo costeiro exposta à elevação do nível do mar e a eventos climáticos extremos, sítios de patrimônio cultural em risco de degradação induzida pelo clima e outras situações de vulnerabilidade do turismo.

Um dos modelos estratégicos em desenvolvimento que pode abranger o turismo é a campanha “Tornando as Cidades Resilientes”, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) após a Conferência Mundial sobre Redução de Risco de Desastres de 2015, realizada em Sendai, Japão, e o Fórum de Alto Nível sobre a Implementação do Marco de Sendai em nível local, realizado na Itália em 2016 (UNISDR, 2017). O manual

“Como Tornar as Cidades Mais Resilientes” (UNISDR, 2017) enfatiza que as estratégias e políticas públicas devem ser desenvolvidas para contribuir com o planejamento e a implementação de ações objetivas e assertivas diante de eventos, sustentando assim a sustentabilidade dos locais onde ocorrem.

Os impactos das mudanças climáticas, especialmente aqueles associados ao aumento das temperaturas globais, representam riscos sistêmicos em níveis tanto internacionais quanto locais. Regiões dependentes do turismo enfrentam vulnerabilidades agudas devido à intensificação de secas, escassez de água doce, incêndios florestais descontrolados, inundações costeiras, recuo de geleiras, eventos climáticos extremos e degradação ecológica.

Nesse contexto, ao considerar os efeitos das mudanças climáticas, como as consequências do aumento da temperatura global, podem ser identificados diversos exemplos que impactam não apenas o planeta como um todo, mas também a dinâmica do turismo em destinos afetados por tais eventos adversos. As mudanças climáticas podem representar ameaças significativas à saúde, à produção de alimentos, à moradia, à segurança e aos meios de subsistência. Certos grupos populacionais são particularmente vulneráveis a esses impactos, como as populações que vivem em pequenos Estados insulares e países em desenvolvimento. No futuro, espera-se um aumento no número de “refugiados climáticos” (Nações Unidas Brasil, 2021).

Segundo Sagi (2022), essas consequências afetam os territórios turísticos, suas populações e o processo de deslocamento dos viajantes. Exemplos de impactos incluem alterações nos padrões de viagens ao longo do ano, redução no fluxo turístico, preferência por outros destinos ou até mesmo a impossibilidade de realizar atividades turísticas em destinos afetados por eventos adversos, aumento dos custos de seguros de viagem à medida que novos riscos surgem ou se intensificam nos destinos turísticos, além de danos ao patrimônio cultural, perda de biodiversidade e

degradação da paisagem (Grimm, 2016). A necessidade de respostas eficientes e eficazes por parte das populações residentes visa resistir, enfrentar, adaptar-se e superar os impactos desses fenômenos.

À medida que as decisões de viagem dos turistas são afetadas, os destinos turísticos podem sofrer impactos econômicos significativos, especialmente em áreas com alta dependência do turismo, onde qualquer redução importante no fluxo compromete gravemente os negócios e o emprego (AdaptaClima, 2021). Assim, embora o turismo contribua para as mudanças climáticas, ele também é altamente suscetível aos seus impactos. Por outro lado, o seu desenvolvimento com base em princípios responsáveis, sustentáveis e voltados à resiliência pode contribuir para medidas que protejam as populações, suas culturas, o meio ambiente e a economia.

Vale destacar que o catálogo de potenciais desafios enfrentados pela indústria do turismo é vasto e diverso. Diversos eventos históricos confirmam isso. Uma ampla gama de ocorrências afeta os destinos turísticos e compromete sua sustentabilidade.

Costa e Sonaglio (2017) destacam o uso positivo da resiliência como ferramenta de planejamento em resposta a esses desafios que comprometem diretamente os destinos turísticos. Diante de um evento adverso, essa ferramenta permite ao destino turístico resistir, acomodar-se, adaptar-se e recuperar-se de forma rápida e adequada, preservando e restaurando suas estruturas e funções essenciais.

A adoção de estratégias resilientes no planejamento turístico é fundamental para mitigar os impactos dos eventos adversos e minimizar os danos. Para isso, é necessário investir em resiliência humana, organizacional e ambiental por meio de medidas específicas.

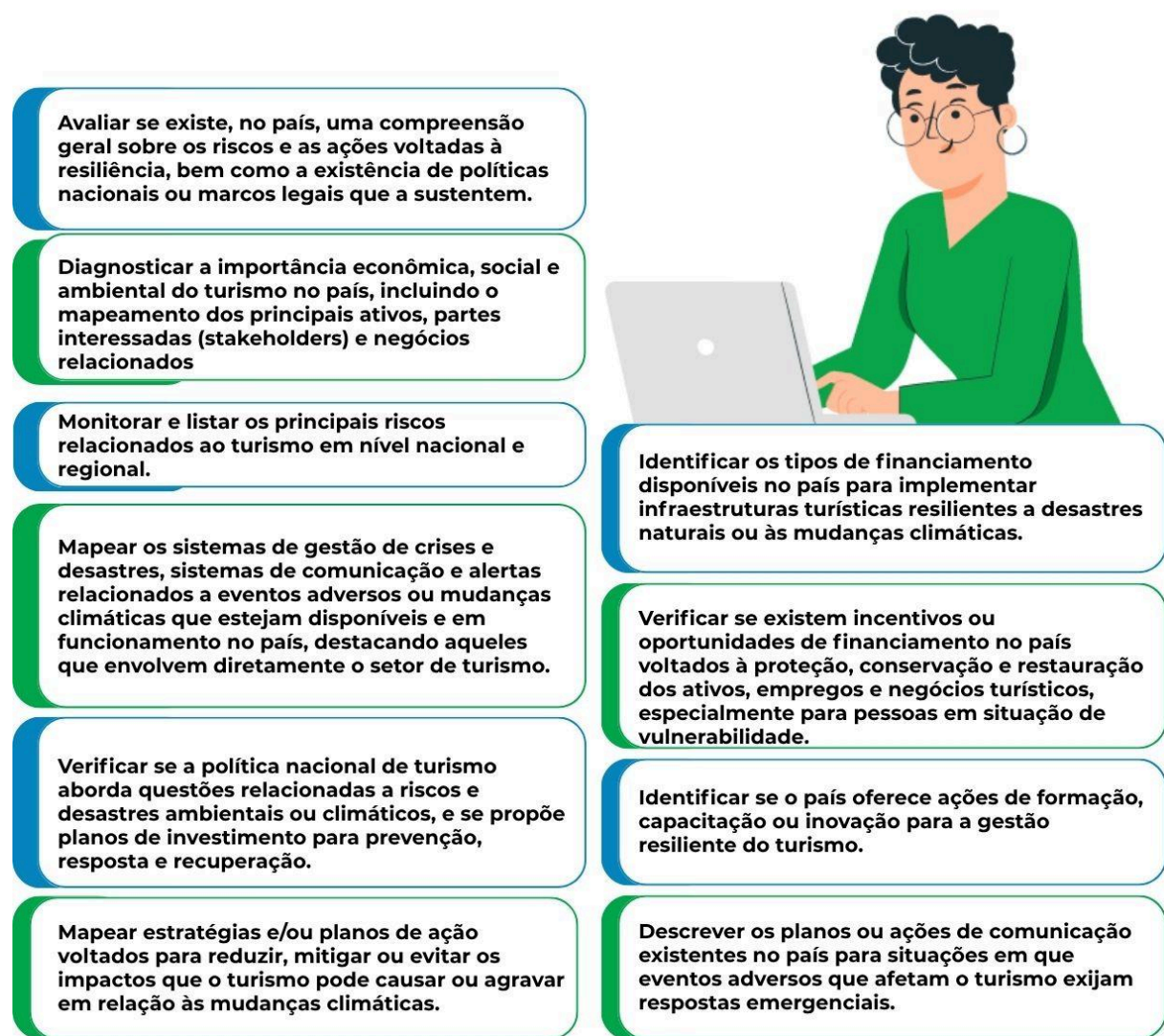
**Figura 8. Ações para Enfrentar Desafios e Minimizar Perdas**



**Fonte:** Adaptado de Costa e Sonaglio (2017).

Assim, o arcabouço a seguir apresenta as questões essenciais relativas às medidas que os países devem adotar para a resiliência turística.

**Figura 9. Medidas para a resiliência turística**



**Fonte:** Adaptado de Sagi (2022).

## 5. ANÁLISE DE DADOS

Esta seção apresenta uma análise interpretativa das respostas consolidadas do questionário, com contribuições de representantes oficiais do Brasil, Rússia, Índia, China, Etiópia, África do Sul e Emirados Árabes Unidos (EAU). A análise combina uma leitura qualitativa e comparativa para identificar o estágio atual das políticas e práticas voltadas ao turismo regenerativo e resiliente, abrangendo a formulação, implementação e sistematização dessas ações. As iniciativas relatadas refletem a diversidade

cultural, ambiental e socioeconômica dos países, assim como um compromisso comum com o desenvolvimento sustentável, evidenciando sinergias globais, desafios em curso e boas práticas. A seguir, é apresentado um detalhamento das principais ações de cada país, enfatizando sinergias e desafios distribuídos em sete eixos temáticos.

## **5.1 Sustentabilidade no Turismo: Político, Ambiental e Sociocultural**

As ações mapeadas foram organizadas em três eixos: A (sustentabilidade política), B (sustentabilidade ambiental) e C (sustentabilidade sociocultural e socioeconômica).

Os Emirados Árabes Unidos se destacam na institucionalização de políticas, com ênfase na Carta Nacional do Turismo e sua conexão com a COP28 e a meta Net Zero 2050. A COP28 impulsionou a coordenação intergovernamental, incentivou investimentos em infraestrutura sustentável e incorporou práticas inovadoras para reduzir a pegada de carbono do setor. Por meio desse modelo, os EAU estabelecem um precedente para o turismo sustentável orientado por políticas no contexto dos BRICS e do Sul Global, oferecendo um arcabouço replicável para alinhar desenvolvimento econômico e responsabilidade ambiental. Índia e Brasil apresentam avanços significativos com políticas descentralizadas e ações intersetoriais. África do Sul e Etiópia evidenciam ações decisivas em níveis locais e comunitários, ainda que estejam em processo de regulamentação.

A China, líder global em turismo rural, destaca suas zonas ecológicas nacionais e as 15 aldeias reconhecidas como “Melhores Aldeias Turísticas”, evidenciando patrimônio, cultura e práticas sustentáveis. A Rússia enfatiza o desenvolvimento de 56 rotas turísticas nacionais para diversificar destinos e promover o turismo regional. No Eixo A, três países reportaram a implementação completa de políticas relacionadas à governança, preservação ambiental e gestão de crises, enquanto dois indicaram

implementação parcial. Contudo, a disponibilidade de indicadores e mecanismos para monitorar os impactos ambientais, econômicos e sociais do turismo revela maior disparidade: apenas três nações confirmaram a implementação plena dessas ferramentas, uma relatou adoção parcial e duas reconheceram a ausência desses mecanismos. Esses resultados evidenciam fragilidades sistêmicas no monitoramento dos efeitos multidimensionais do turismo, limitando a capacidade dos governos para decisões baseadas em evidências. No Eixo B, as ações mais citadas estão relacionadas à conservação ambiental, educação e ecoturismo. No Eixo C, destaca-se o engajamento comunitário, com foco na inclusão, geração de renda e valorização do conhecimento local.

## **5.2 Prioridades Nacionais no Turismo Sustentável**

As prioridades refletem a diversidade de estratégias adotadas. Brasil, Etiópia e África do Sul destacam justiça climática, desenvolvimento territorial e inclusão produtiva. Os EAU alinham suas metas climáticas a planos digitais e de inovação, integrando soluções inovadoras, formulação de políticas baseadas em dados e tecnologias avançadas, como inteligência artificial, blockchain e Internet das Coisas (IoT). Essa sinergia entre ambição climática e inovação digital potencializa a eficiência e escalabilidade das iniciativas de descarbonização, fomentando novas oportunidades econômicas em setores de tecnologia verde. Exemplos como a Estratégia de Governo Digital dos EAU e o Programa Cidades Inteligentes demonstram como ecossistemas de inovação podem apoiar o alcance das metas Net Zero 2050, posicionando os EAU como modelo de economia resiliente e preparada para o futuro.

A Índia destaca a proteção ambiental e o turismo rural como pilares centrais, assim como a China, que acrescenta incentivos fiscais e créditos para negócios turísticos sustentáveis, principalmente para micro, pequenas

e médias empresas. A Rússia investe no turismo verde com a criação de eco-rotas e infraestrutura turística sustentável.

### **5.3 Diversificação de Mercado e Produtos Pós-COVID-19**

Todos os países relataram foco no turismo doméstico, criação de novas rotas e produtos turísticos alternativos em resposta à pandemia. Observa-se o fortalecimento do turismo cultural, comunitário, rural e ecológico. Destacam-se as seguintes estratégias para diversificação, redução da dependência econômica e exploração de novos segmentos:

- **Brasil:** Turismo regenerativo com produtos que combinam bem-estar e conservação ambiental, como projetos que envolvem turistas na restauração de áreas degradadas.
- **Índia:** Programa Multimodal Transportation Development Network (MTD Network), que moderniza e integra modais de transporte para eficiência logística e desenvolvimento sustentável.
- **China:** Expansão de aldeias ecológicas turísticas para experiências autênticas e sustentáveis.
- **Rússia:** Rotas turísticas nacionais para diversificar produtos e atrair turistas nacionais e internacionais.
- **Etiópia:** Desenvolvimento de infraestrutura sustentável, acomodações ecológicas e transporte de baixo impacto, com promoção do ecoturismo em áreas protegidas como o Parque Nacional das Montanhas Simien (Patrimônio Mundial da UNESCO).

Essa diversificação fortalece a resiliência econômica dos países BRICS diante dos desafios globais.

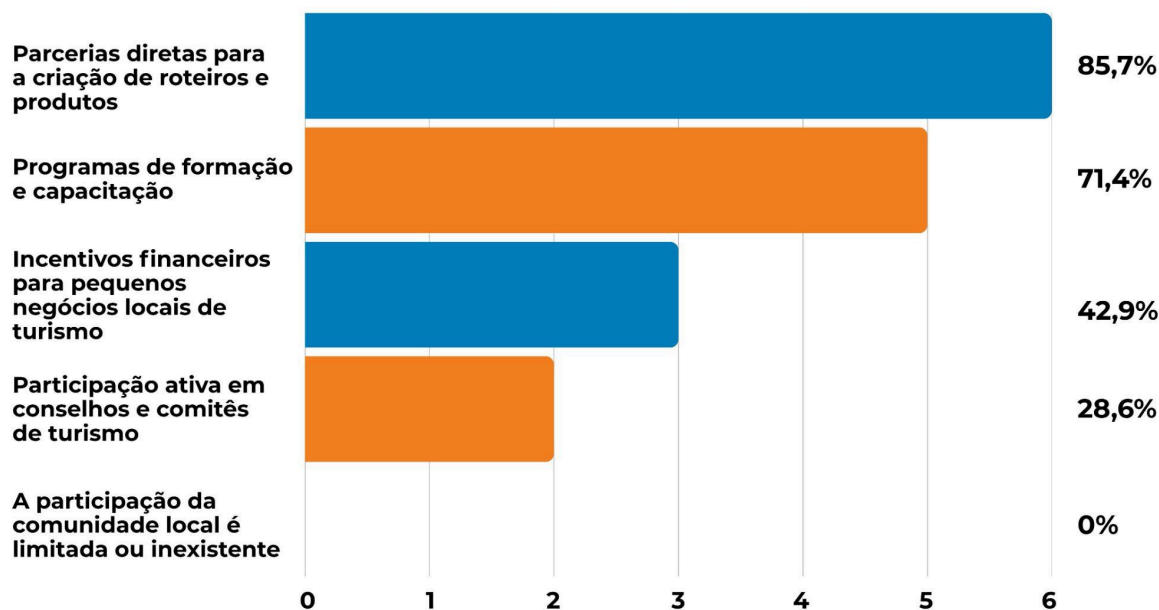
## **5.4. Envolvimento das Comunidades Locais**

As respostas evidenciam o papel das comunidades na co-gestão do turismo. Brasil, Etiópia e Índia apresentam experiências com conselhos comunitários, turismo comunitário e articulação de redes locais. EAU e África do Sul enfatizam programas de capacitação e geração de renda.

O governo dos EAU, por meio de entidades como o Ministério da Economia e autoridades locais de turismo, prioriza o empoderamento das comunidades emiradenses com treinamentos especializados em gestão sustentável, hospitalidade, conservação do patrimônio e ecoturismo. Programas como o "National Tourism Leadership Program" e iniciativas voltadas à juventude buscam construir expertise local, fomentar o empreendedorismo e incentivar a participação em startups de turismo, turismo cultural e experiências baseadas na natureza. O investimento em turismo comunitário, especialmente em regiões rurais como as Montanhas Hajar e o Deserto da Empty Quarter, visa promover preservação cultural, conservação ambiental e diversificação econômica local. Assim, os EAU garantem que as comunidades sejam contribuintes e beneficiárias do crescimento sustentável do turismo.

Seis países relatam parcerias diretas para criação e gestão de projetos comunitários, e cinco apontam investimentos em capacitação para fomentar o engajamento na sustentabilidade turística.

**Figura 10.** Engajamento e Fortalecimento do Turismo em Comunidades



**Fonte:** Dados da pesquisa (2025).

O fortalecimento do turismo em comunidades menores é uma prioridade para os BRICS, com foco na criação de empregos, empreendedorismo sustentável e desenvolvimento regional, conforme ilustrado pelos seguintes exemplos.

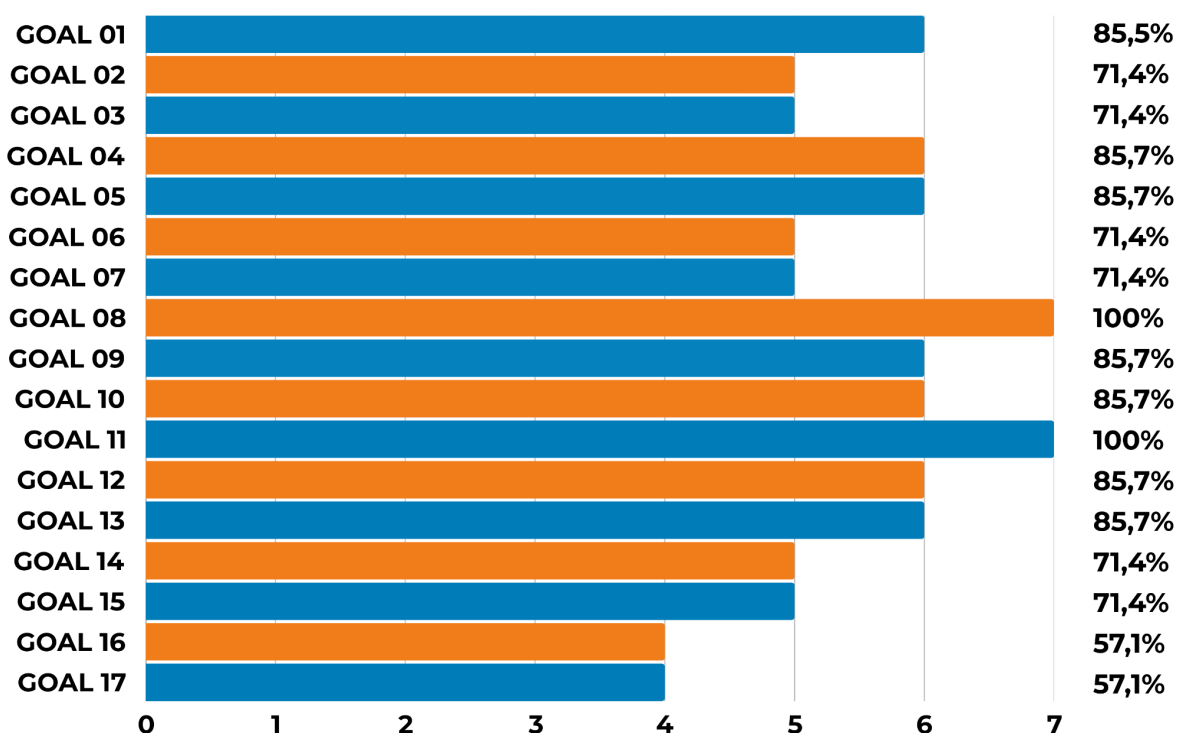
- **Brasil:** Plano Nacional de Turismo 2023–2027 prioriza ecoturismo em áreas rurais e comunidades tradicionais, com iniciativas como a Reserva Extrativista Médio Juruá (Amazonas) e a Rede Tucum (Nordeste).
- **África do Sul:** Programas como Working for Tourism capacitam jovens desempregados em comunidades menores.
- **Índia:** Esquema UDAN aprimora conectividade regional, facilitando o acesso a destinos menos conhecidos e promovendo crescimento econômico local.

- **Rússia:** Organização de eventos nacionais e internacionais promove novos destinos e produtos regionais, envolvendo comunidades nas decisões.
- **Etiópia:** Capacitação de trabalhadores do setor para assegurar resiliência econômica, social e ambiental.

## 5.5 ODS Abordados nas Políticas Turísticas

Sobre o avanço da Agenda 2030 da ONU, os entrevistados indicaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) mais presentes em suas políticas turísticas. ODS 8 (trabalho decente) e ODS 11 (cidades e comunidades sustentáveis) foram apontados por todos os países. Em seguida, destacam-se ODS 12 (consumo e produção responsáveis), ODS 13 (ação contra a mudança global do clima), ODS 4 (educação de qualidade), ODS 1 (erradicação da pobreza), ODS 5 (igualdade de gênero), ODS 9 (indústria, inovação e infraestrutura) e ODS 10 (redução das desigualdades). Todos os países indicaram pelo menos cinco ODS, evidenciando a conexão entre sustentabilidade econômica, inclusão social e resposta às mudanças climáticas.

**Figura 11.** ODS incluídos nas Políticas de Turismo



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

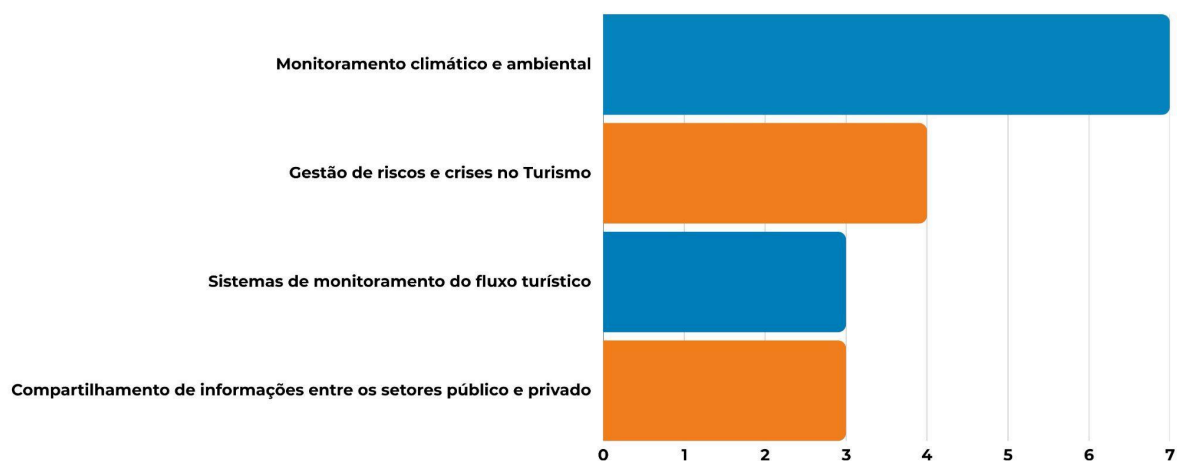
A iniciativa da África do Sul se destaca por abordar o ODS 5 por meio do programa “Mulheres no Turismo”, que incentiva parcerias com empresas privadas para capacitar mulheres no setor turístico. Como exemplo relacionado ao ODS 11, destacam-se as iniciativas do Ministério do Turismo da Índia, como [PRASHAD e Swadesh DARSHAN](#), que focam no desenvolvimento holístico e na revitalização dos sítios turísticos.

## 5.6 Eventos que Impactam o Turismo, Legislação, Sistemas de Alerta e Monitoramento

Todos os países reconhecem o impacto dos desafios de saúde, econômicos, ambientais e geopolíticos no setor de turismo. A pandemia de COVID-19 foi citada por todos, seguida por desastres naturais e instabilidades regionais. Todos os países informam possuir sistemas de monitoramento climático e ambiental para acompanhar desastres

naturais, qualidade do ar, mudanças climáticas e incêndios florestais. Contudo, apenas quatro dispõem de plataformas de gestão de riscos e crises especificamente voltadas para o turismo, e três possuem sistemas para monitorar os fluxos turísticos, capazes de prevenir a superlotação e otimizar a gestão dos destinos. Redes de compartilhamento de informações público-privadas que possibilitam respostas rápidas a crises foram adotadas em três países. Essa ação aponta para uma oportunidade de investimento em estratégias de alerta diretamente vinculadas ao turismo.

**Figura 12.** Sistemas de Alerta e Monitoramento de Crises para Resiliência do Turismo nos países membros do BRICS



**Fonte: Dados da pesquisa (2025).**

- Quando questionados sobre legislações, políticas, protocolos e sistemas de resposta para lidar com desastres naturais e crises econômicas, humanitárias, sociais e de saúde, 57,1% afirmaram ter implementado apenas parcialmente tais ferramentas, utilizando protocolos gerais em nível municipal, ao invés de protocolos específicos direcionados ao turismo. A seguir, exemplos de boas práticas relacionadas a sistemas de alerta:
- Brasil: A implementação de um sistema nacional para monitoramento dos impactos climáticos no turismo está alinhada ao Plano Nacional de Adaptação às Mudanças Climáticas.

- Rússia: Leis específicas para áreas sensíveis, como o Lago Baikal, regulam as atividades turísticas para mitigar riscos ambientais.
- África do Sul: Estratégias sustentáveis de recuperação pós-COVID incluem mecanismos para mapear vulnerabilidades no setor turístico.
- Índia: O programa Digi Yatra utiliza inteligência artificial para aprimorar a gestão do turismo, prevendo a demanda e otimizando recursos. Esses sistemas são essenciais para garantir que o turismo permaneça resiliente diante dos desafios globais.
- China: O documento [“Regras de Implementação da China para Avaliação da Construção e Padrões Operacionais das Zonas Nacionais de Ecoturismo”](#) estabelece critérios rigorosos para a criação e operação dessas zonas, incluindo monitoramento de espécies ameaçadas e programas obrigatórios de educação para guias turísticos.

## **5.7 Colaboração Público-Privada e Compartilhamento de Soluções Inovadoras**

A colaboração entre governos, setor privado e sociedade civil é central nas estratégias dos BRICS para promover soluções inovadoras no turismo:

- Brasil: Parcerias público-privadas financiaram projetos regenerativos, incluindo reflorestamento em áreas turísticas.
- China: Premiada pela ONU Turismo, a integração entre governos locais e vilarejos fortalece redes comunitárias e fomenta a inovação no setor.
- Rússia: Zonas econômicas especiais oferecem incentivos fiscais para atrair investimentos privados em destinos turísticos estratégicos. No início de 2025, por exemplo, foi introduzido um imposto turístico de 1% sobre custos de hospedagem para melhorar a infraestrutura turística e apoiar o desenvolvimento socioeconômico das regiões.

- Emirados Árabes Unidos: Sediou a COP28, ressaltando a importância da colaboração entre governos e setor privado para acelerar práticas sustentáveis no turismo. Exemplos incluem o uso de dados alternativos e inteligência artificial para monitorar tendências e estabelecer metas claras de sustentabilidade na indústria.
- Índia: A adoção de tecnologia digital e inteligência artificial proporciona uma experiência significativa para turistas, como na plataforma [Digi Yatra](#), um sistema baseado em reconhecimento facial que elimina a necessidade de documentos físicos nos aeroportos indianos.

Este relatório recomenda o intercâmbio de informações entre os países dos BRICS por meio de plataformas digitais que possam potencializar essas colaborações.

## **5.8. Boas Práticas em Turismo Sustentável, Resiliente e Regenerativo: Contribuições de Países Não Respondentes**

Embora alguns países dos BRICS não tenham respondido ao questionário submetido para esta pesquisa, foi possível identificar iniciativas significativas de turismo sustentável, regenerativo e resiliente em países convidados e associados, como Indonésia, Irã, Egito e Arábia Saudita. Essas experiências complementam a análise apresentada neste relatório, destacando o progresso global rumo a um método de turismo mais consciente, comprometido com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Na Indonésia, destacam-se iniciativas como o Wonderful Indonesia Eco-Tourism e o plano ITMP, que promovem infraestrutura verde e engajamento comunitário. Projetos como o SUSTOUR em Flores e Wakatobi integram regeneração ambiental e inclusão social, enquanto destinos como Borobudur e Lago Toba exemplificam o equilíbrio entre

turismo e conservação.

O Irã foca no Turismo Verde e em programas da ONU para promover práticas regenerativas e resiliência local. A integração de comunidades nômades ao ecoturismo, a restauração de trilhas e o planejamento sustentável refletem um compromisso com a conservação ambiental e o desenvolvimento comunitário. O plano de restauração de trilhas montanhosas degradadas e a implementação de projetos como a gestão ecológica do Lago Evan foram destacados como exemplos.

O Egito se destaca com a campanha Eco Egypt e o projeto Green Hurghada, que impulsionam o ecoturismo em reservas naturais e cidades costeiras. Iniciativas como a revitalização de sítios arqueológicos no Cairo e o projeto Rota da Sagrada Família combinam regeneração cultural com infraestrutura resiliente, como observado no Green Sharm El Sheikh.

A Arábia Saudita apresenta projetos ambiciosos como o Red Sea Project, que promove a regeneração de recifes e a proteção de espécies ameaçadas, e NEOM, uma cidade inteligente totalmente baseada em energia renovável. Outras iniciativas, como o Plano da Montanha Asir e AMAALA, demonstram um esforço coordenado para integrar conservação ambiental, cultura local e turismo de alto padrão.

## **6. RECOMENDAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as diretrizes, orientações e recomendações globais para enfrentar desafios sociais, econômicos, ambientais e políticos, a resiliência se destaca como elemento fundamental no planejamento e na gestão estratégica dentro do escopo da sustentabilidade global.

Reconhecendo os distintos contextos sociopolíticos e ambientais entre os países dos BRICS, a análise revela um compromisso comum com modelos

de turismo que priorizam a sustentabilidade, a inclusão e a resiliência. As práticas mapeadas mostram avanços significativos na institucionalização de políticas, diversificação dos produtos turísticos, fortalecimento das comunidades locais e integração de tecnologias emergentes. Sistematizar essas experiências é essencial para consolidar uma agenda comum e colaborativa em turismo sustentável e regenerativo entre os países dos BRICS.

Com base em marcos internacionais para o turismo sustentável, resiliente e regenerativo (como os da UN Tourism e da UNISDR), literatura científica revisada por pares e pesquisa primária com atores dos BRICS, este relatório propõe as seguintes recomendações:

### **Reforçar a capacidade institucional e intergovernamental para a resiliência:**

Para reduzir riscos, mitigar os efeitos das mudanças climáticas e enfrentar desafios socioeconômicos, é essencial fortalecer a capacidade institucional em órgãos governamentais, autoridades locais, setor privado, instituições de pesquisa e ensino, organizações profissionais e sociedade civil. Esse esforço pode ajudar a identificar lacunas na resiliência do turismo e reforçar suas capacidades regenerativas e adaptativas. Estratégias também podem ser estabelecidas para fortalecer a cooperação público-privada e ampliar a troca de conhecimentos entre os países.

### **Estruturar a resiliência dos destinos turísticos:**

Manter uma estrutura governamental ou organizacional com liderança determinada, coordenada e competente para orientar ações e responsabilidades em destinos durante eventos adversos que impactam o turismo. Identificar, compreender e utilizar cenários de crise para antecipar, responder e fornecer soluções eficazes. Realizar diagnósticos e manter dados atualizados sobre riscos, vulnerabilidades e ameaças locais por meio de processos participativos, utilizando essas informações como base para o desenvolvimento de cidades e destinos. Definir metas de planejamento de

curto, médio e longo prazos. Desenvolver sistemas de monitoramento e alerta de crises e desastres específicos para o setor turístico. Estabelecer ações estratégicas para redução de riscos e mitigação de crises. Elaborar planos nacionais ou estratégias integradas para contextos específicos de turismo.

**Estabelecer um plano de resiliência territorial para destinos turísticos:**

Realizar planejamento e desenvolvimento territorial com base em diagnósticos atualizados de riscos e ameaças, especialmente em áreas frágeis ou com populações particularmente vulneráveis. Aplicar e reforçar normas de construção sustentável que considerem riscos regionais e globais com impacto no turismo local. Identificar, proteger, conservar e monitorar ecossistemas, e melhorar seu uso na redução de riscos de desastres em áreas turísticas.

**Garantir e promover a resiliência da infraestrutura:**

Desenvolver estratégias para proteger, manter e monitorar a infraestrutura específica do turismo. Antecipar e planejar o desenvolvimento de infraestrutura que apoie a mitigação de riscos ou a resposta a crises, quando necessário.

**Fortalecer a capacidade financeira para a resiliência no turismo:**

Avaliar os impactos econômicos no sistema turístico durante situações adversas. Identificar e desenvolver mecanismos financeiros para apoiar turistas e negócios envolvidos na atividade turística.

**Compreender e ampliar a capacidade social para a resiliência:**

Identificar e fortalecer a conectividade sociocultural para promover a ajuda mútua por meio de iniciativas comunitárias e governamentais, bem como canais de redes sociais, comunicação multimídia e sistemas de monitoramento. Ampliar políticas socioculturais que incentivem laços comunitários que contribuam para a resiliência do turismo.

### **Construir resiliência e garantir respostas coordenadas aos desafios que impactam o turismo:**

Planejar ações estratégicas de resiliência para fortalecer as capacidades humanas, ambientais, organizacionais e culturais para resistir, adaptar-se, superar e recuperar-se de impactos disruptivos.

### **Acelerar a regeneração do sistema turístico:**

Estabelecer estratégias pós-eventos de desastre focadas na recuperação e reconstrução do sistema turístico, considerando o meio ambiente, as pessoas e as organizações envolvidas com o turismo. Uma proposta é o desenvolvimento de produtos turísticos regenerativos que criem valor e abracem causas específicas.

### **Promover políticas públicas que incorporem transições justas e protejam pessoas em situação de vulnerabilidade:**

Reconhecer que os impactos sociais das mudanças climáticas no turismo afetam de forma desigual os destinos e as comunidades. Assim, os planos nacionais de adaptação climática devem priorizar as pequenas cidades, especialmente pessoas em situação de vulnerabilidade e aquelas economicamente dependentes do turismo. Grandes centros urbanos podem diversificar suas ofertas turísticas e dependem menos financeiramente do setor. Já destinos menores que operam em nichos específicos, como ecoturismo ou turismo de sol e praia, são mais suscetíveis às crises climáticas pela falta de alternativas. Da mesma forma, pequenos microempreendedores, comunidades tradicionais e mulheres têm menos meios para se recuperar após eventos extremos.

### **Criar uma ferramenta para monitoramento e compartilhamento de boas práticas em turismo resiliente, regenerativo e sustentável entre os países dos BRICS:**

Promover o intercâmbio contínuo de informações sobre boas práticas e iniciativas de implementação de turismo resiliente, regenerativo e sustentável entre os países dos BRICS. Esse intercâmbio ocorreria por meio

de uma plataforma frequentemente atualizada pelos países, semelhante ao Painel de Turismo e ODS do G20. A ferramenta fortaleceria a cooperação entre os membros ao permitir o compartilhamento de estudos de caso, políticas bem-sucedidas e iniciativas inovadoras. Além disso, vincular boas práticas aos ODS facilitaria o monitoramento do progresso do setor turístico em direção ao cumprimento da Agenda 2030 da ONU nos países dos BRICS. O compartilhamento de práticas sustentáveis, responsáveis e resilientes entre os países ampliaria técnicas de fortalecimento da capacidade social frente à adaptação e superação de situações adversas, bem como a replicação de práticas bem-sucedidas em diferentes regiões.

Dessa forma, a promoção e o desenvolvimento de boas práticas em turismo sustentável envolvem necessariamente ações estratégicas resilientes e regenerativas, o que implica na adoção dessas abordagens no planejamento e na gestão do turismo para garantir eficiência, eficácia e capacidade de resposta na antecipação, reação e recuperação frente a potenciais impactos causados por eventos adversos nos destinos turísticos globais.

## REFERÊNCIAS

ADAPTACLIMA. **Turismo no contexto da mudança do clima**. 2021. Disponível em: <http://adaptaclima.mma.gov.br/setor-do-turismo-no-contexto-da-mudanca-climatica>. Acessado em: 25 de março de 2025.

Almeida, A. R. B.; Sonaglio, K. E. Para além da sustentabilidade? Turismo resiliente e regenerativo na interface com as mudanças climáticas. **Marketing & Tourism Review**, v. 9, n. 1, p. 1-24, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29149/mtr.v9i1.8318>.

BBC. **Acordo de Paris: o que é e por que Brasil se afastar dele preocupa ambientalistas**. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54781315>. Acessado em: 25 de março de 2025.

- Beirman, D. **Tourism Risk, Crisis and Recovery Management Guide**. E Version. 2016. Disponível em: <https://www.uts.edu.au/sites/default/files/20160329-Beirman-Risk-Crisis-Recovery-Tour-Wholesalers.pdf>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- Blandtt, L. Da S. Da resiliência à sustentabilidade: análise do sistema ecológico-social em comunidades rurais da Amazônia brasileira. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – UFPA, Belém.
- BRASIL. **Ministério do Turismo**. Programa de regionalização do turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e sustentabilidade. Brasília: MTur, 2007.
- Bursztyn, M. Et Al. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- Camrass, K. Regenerative Futures: Eight Principles for Thinking and Practice. *Journal of Futures Studies*, v. 28, n. 1, 2023. DOI: [https://doi.org/10.6531/JFS.202309\\_28\(1\).0008](https://doi.org/10.6531/JFS.202309_28(1).0008).
- Costa, S. P.; Sonaglio, K. E. Gestão do turismo em tempos de crises e vulnerabilidades. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 5, n. 1, p. 98-117, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2017v5n1D11146>.
- Dumont, G. Mudanças climáticas e turismo. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/mudancas-climaticas-e-turismo/>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- EL PAÍS. **O turismo enfrenta uma nova era: menos voos, mais natureza e mais controle**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-05-30/o-turismo-enfrenta-uma-nova-era-menos-voos-mais-natureza-e-mais-controle.html>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- Faulkner, B. Towards a framework for tourism disaster management. **Tourism Management**, v. 22, p. 135–147, 2001. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00048-0](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00048-0).
- Fusté-Forné, F.; Hussain, A. Regenerative tourism futures: a case study of Aotearoa New Zealand. **Journal of Tourism Futures**, v. 8, n. 3, p. 346–351, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0027>.
- Grimm, I. J. **Mudanças climáticas e turismo: estratégias de adaptação e mitigação**. 2016. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43061>. Acessado em: 25 de março de 2025.

IPCC. **Summary for Policymakers**. In: CLIMATE CHANGE 2022: Mitigation of Climate Change. Contribution of Working Group III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/9781009157926.001>.

Lemos, M. F. **Sustentabilidade e resiliência**. In: III ENANPARQ – Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014.

Le Monde. **O "turismo sustentável", solução ou ilusão?** 2023. Disponível em: [https://www.lemonde.fr/m-le-mag/article/2023/06/18/le-tourisme-durable-solution-ou-illusion\\_6178113\\_4500055.html](https://www.lemonde.fr/m-le-mag/article/2023/06/18/le-tourisme-durable-solution-ou-illusion_6178113_4500055.html). Acessado em: 25 de março de 2025.

Melo, G. S. De; Nunes, D. C. A. Turismo sob pressão: analisando os impactos das mudanças climáticas e do over tourism nos destinos. **International Journal of Research and Innovation in Social Science**, v. 6, n. 10, 2022.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Agenda 21 Global**. Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global.html>. Acessado em: 25 de março de 2025.

NAÇÕES UNIDAS. **O que são as mudanças climáticas?** 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-sao-mudancas-climaticas>. Acessado em: 25 de março de 2025.

Oliveira, F. **Alvo da crise do clima, turismo quer regenerar ambientes e cortar emissões**. ((o))eco, 28 Mar. 2024. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/alvo-da-crise-do-clima-turismo-quer-regenerar-ambientes-e-cortar-emissoes/>. Acessado em: 25 de março de 2025.

ONE PLANET SUSTAINABLE TOURISM PROGRAMME. **Glasgow Declaration: A Commitment to a Decade of Climate Action**. 2021. Disponível em: [https://www.oneplanetnetwork.org/sites/default/files/2022-02/GlasgowDeclaration\\_EN\\_0.pdf](https://www.oneplanetnetwork.org/sites/default/files/2022-02/GlasgowDeclaration_EN_0.pdf). Acessado em: 25 de março de 2025.

ONU. **Objetivos do desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acessado em: 25 de março de 2025.

Pröbstl-Haider, U.; Wanner, A. Short-term summer trips: Climate hazards & substitution. **Annals of Tourism Research**, v. 110, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.annals.2024.103861>. Acessado em: 25 de março de 2025.

Raasch, M.; Silveira-Martins, E.; Gomes, C. C. Resiliência: uma revisão bibliométrica. **Revista de Negócios, Blumenau**, v. 22, n. 4, p. 40–55, out. 2017.

- Ritchie, B. W. **Crisis and Disaster Management for Tourism**. Channel View Publications, 2009.
- Sagi, L. C. **Caderno didático** - Caminhando para a resiliência no turismo: gestão de crises e desastres. Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2022.
- Santos, T. A. Et Al. O papel do turismo regenerativo na resiliência dos destinos frente às mudanças climáticas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 4, n. 2, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3213>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- Sharpley, R. Tourism, sustainable development and the theoretical divide: 20 years on. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 28, n. 11, p. 1932–1946, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1779732>.
- Sonaglio, K. E. Aproximações entre o Turismo e a Resiliência: Um Caminho para a Sustentabilidade. **Turismo: Visão e Ação**, v. 20, n. 1, p. 80–104, 2018. DOI: <https://doi.org/10.14210/rtva.v20n4.p80-104>.
- Taboada, N. G.; Legal, E. J.; Machado, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n. 4, p. 104–113, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v16n3/12.pdf>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- Tomassini, L.; Cavagnaro, E. Circular economy, circular regenerative processes, agrowth and placemaking for tourism future. **Journal of Tourism Futures**, v. 8, n. 3, p. 342–345, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0004>.
- UNISDR. **Como construir cidades mais resilientes**: um manual para líderes do governo local. 2017. Genebra: UNISDR. Disponível em: [https://unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/toolkit/documents/Handbook%20for%20local%20government%20leaders%20%5B2017%20Edition%5D\\_PT\\_Jan2019.pdf](https://unisdr.org/campaign/resilientcities/assets/toolkit/documents/Handbook%20for%20local%20government%20leaders%20%5B2017%20Edition%5D_PT_Jan2019.pdf). Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNISDR. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030**. 2015. Disponível em: [https://www.unisdr.org/files/43291\\_63575sendaiframeworkportunofficial%5B1%5D.pdf](https://www.unisdr.org/files/43291_63575sendaiframeworkportunofficial%5B1%5D.pdf). Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNITED NATIONS DIGITAL LIBRARY. **Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**: nota do Secretário-Geral. Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/139811?v=pdf>. Acessado em: 25 de março de 2025.

- UNWTO. **Est l'année internationale du tourisme durable pour le développement.** 2017. Disponível em: <https://www.unwto.org/fr/archive/press-release/2017-01-10/2017-est-l-annee-internationale-du-tourisme-durable-pour-le-developpement>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO. **Sustainable Tourism for Development:** Guidebook-Enhancing Capacities for Sustainable Tourism for Development in Developing Countries. 2013. Madrid. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO. **The Glasgow Declaration:** A Commitment to a Decade of Tourism Climate Action. Disponível em: <https://www.unwto.org/the-glasgow-declaration-on-climate-action-in-tourism>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO. **Transforming Tourism for Climate Action.** 2021. Disponível em: <https://www.unwto.org/sustainable-development/climate-action>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO. **Turismo por los ODS.** 2019. Disponível em: <https://www.unwto.org/es/turismo-por-los-ods>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO. *Impact assessment of the COVID-19 outbreak on international tourism.* 2021. Disponível em: <https://www.unwto.org/impact-assessment-of-the-covid-19-outbreak-on-international-tourism>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- UNWTO; INTERNATIONAL TRANSPORT FORUM. **Transport-related CO2 Emissions of the Tourism Sector – Modelling Results.** Madrid: UNWTO, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18111/9789284416660>.
- WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL (WTTC). **ESR Final Results.** 2024. Disponível em: <https://wttc.org/research/economic-impact>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- WTM LATIN AMERICA. **WTM Responsible Tourism Awards 2025.** Disponível em: <https://www.wtm.com/latin-america/en-gb.html>. Acessado em: 25 de março de 2025.
- ZALASIEWICZ, J. et al. **The Anthropocene:** a new epoch of geological time? Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences, 369(1938), 835–841. 2011. doi:10.1098/rsta.2010.0339.